

O CONTO DA AIA: UM POUCO SOBRE O UNIVERSO DISTÓPICO DE ATWOOD

Sarah Giffoni Lescura Alexandre de Oliveira (UERJ)

RESUMO

Publicado em 1985, *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood é uma obra que conserva seu interesse, como se verifica pela sua adaptação para série em 2017. Sua estrutura abriga temáticas sensíveis à literatura contemporânea, tais como as questões relativas ao papel da mulher e ao autoritarismo. Formalmente, o romance apropria-se de uma linguagem bastante coloquial, afastando-se do tom elevado que o senso comum atribui à literatura. Nesse sentido, tanto pelo tema, quanto pela forma, a obra incorpora muitas ideias estéticas da arte pós-moderna. O universo distópico, a problemática do poder e da tecnologia, a exploração do corpo, veiculados numa forma linguística bem próxima da fala cotidiana criam um mundo ficcional muito assustador e, por vezes, muito próximo da realidade empírica. Considerando que a obra apresenta um universo sombrio, baseado em fatos da história mundial, o presente trabalho propõe-se a fazer considerações sobre os gêneros distopia e ficção especulativa, com os quais o romance está associado.

PALAVRAS-CHAVE: O Conto da Aia; Distopia; Ficção especulativa.

ABSTRACT

Published in 1985, *The handmaid's tale*, by Margaret Atwood, is a novel that retains its interest, as shown by its adaptation to a tv series in 2017. Its structure encompasses themes sensitive to contemporary literature, such as issues relating to the role of women and authoritarianism. Formally, the novel uses very colloquial language, moving away from the high tone that common sense attributes to literature. In this sense, both in theme and form, the work incorporates many aesthetic ideas of postmodern art. The dystopian universe, the problem of power and technology, and the exploration of the body, conveyed in a linguistic form very close to everyday speech, create a very frightening fictional world and, at times, very close to empirical reality. Considering that the work presents a dark universe, based on facts from world history, the present work proposes to make considerations about the dystopia and speculative fiction genres, with which the novel is associated.

KEYWORDS: *The handmaid's tale*; Dystopia; Speculative fiction.

INTRODUÇÃO

“A mulher deve escrever a si mesma: deve escrever sobre as mulheres e levar as mulheres a escrever, de onde foram expulsas tão violentamente como de seus corpos”
(Medusa, 1976, p. 3, nossa tradução)¹

O Conto da Aia é uma distopia que foi publicada em 1985 pela autora Margaret Eleanor Atwood. Em 347 páginas, é narrada a história de uma mulher que fora raptada e lançada em um novo mundo: a sociedade gileadiana. Neste lugar, a protagonista é obrigada a exercer uma função de grande relevância para o Estado: ela deve gerar a prole. Confusa, perdida e assustada, Offred deve se adequar a sua nova realidade: ser aia. Vive, se é que se pode chamar isso de vida, no Centro Vermelho, um antigo ginásio que fora transformado em um centro de treinamento de parideiras. Neste lugar, a protagonista encontra outras mulheres com as quais têm uma característica em comum: são férteis. Neste sentido, são adestradas a serem progenitoras, mulheres que devem ir de casa em casa gerar filhos que não são seus. Crianças que são entregues à família da casa que as “acolhe”.

Esta é uma breve explanação sobre o enredo da obra analisada. A partir disso, será feita uma leitura sobre os gêneros distopia e ficção especulativa e o enquadramento de *O Conto da Aia* em tais gêneros, tendo em vista a verossimilhança que pode ser estabelecida entre o que é narrado e o que é vivido. O presente artigo está dividido em dois eixos: A distopia e a ficção especulativa: o entrelaçar de gêneros, no qual será abordada a questão do gênero ao qual *O Conto da Aia* pertence, e *O Conto da Aia*: um futuro possível?, que é centrado na ficção especulativa, o gênero que permite considerar a obra relevante para os dias de hoje.

A DISTOPIA E A FICÇÃO ESPECULATIVA: O ENTRELAÇAR DE GÊNEROS

A natureza da ficção de Margaret Atwood já fez com que ela fosse denominada a “profeta da distopia” possivelmente, devido às especulações que surgiram a partir dos fatos narrados no romance. Entretanto, apesar da distopia ser conhecida como uma previsão

¹ “Woman must write herself: must write about women and bring women to writing, from which they have been driven away as violently as from their bodies” (Medusa, 1976, p. 3)

futura negativa, ela se pauta no presente para fazer suas criações. Foi a realidade dos anos 80 que construiu Gilead, e não o que ainda não ocorrerá.

Qualquer peça de ficção especulativa, e há uma longa tradição disso... é sempre baseada em uma projeção de elementos que estão em nossa sociedade e na verdade não há nada no *Conto da Aia* de que os seres humanos já não tenham feito de uma forma ou de outra, tanto na generalidade quanto nos detalhes. Eles fizeram isso no passado ou eles estão fazendo isso em outro lugar agora, ou temos a tecnologia para fazer isso... Isto é uma extrapolação da realidade, se quiser, é uma possibilidade para a nossa sociedade, mas também é uma 'alegoria' do que já está acontecendo. (Atwood, apud Gulick, 1991, p. 40, nossa tradução)²

Para compreender melhor, visitemos a etimologia do termo em questão. “A palavra [distopia] é derivada de duas palavras gregas, “dus” e “topos”, significando um lugar doente, ruim, defeituoso ou desfavorável” (CLAEYS, 2017, p. 4), ou seja, dizer que uma obra pertence ao gênero distópico significa dizer que aborda um universo negativo, como é o caso de *O Conto da Aia* (2006).

Entretanto, antes da distopia, criou-se a utopia. De acordo com Chris J. Young a palavra utopia deriva da palavra grega “ouk”, significando “não”, que Thomas More reduziu para “u”, combinada com topos, que quer dizer “lugar”, ao qual ele adicionou o sufixo ia; sendo assim, ele “criou a palavra para se referir a um lugar em particular. Logo, a utopia é um lugar que paradoxalmente é um não-lugar” (YOUNG, 2013, p. 10). Ela é resultado de “uma lógica humanista, baseada na descoberta de que o ser humano não existia simplesmente para aceitar seu destino, mas para usar a razão para construir o futuro”³ (VIEIRA, 2010, p. 4, nossa tradução). Antigamente, nos tempos das Grandes Navegações, por exemplo, a imaginação era uma potencial criadora de histórias, afinal, se hoje não temos domínio sobre o mundo, antes não tinha nada.

Assim sendo, a utopia vai além da literatura. Segundo Sargent (1994, p.3), as utopias descrevem um "sonho social - os sonhos e pesadelos que dizem respeito às formas como grupos de pessoas organizam suas vidas e quais costumam imaginar uma sociedade radicalmente diferente daquela em que vivem os sonhadores.” Neste sentido, a utopia seria

² Any piece of speculative fiction, and there's a long tradition of it . . . is always based on a projection of elements that are in our society now, and there is in fact nothing in *The Handmaid's Tale* that human beings have not already done in one form or another, both in the generality and in the detail. They've done it in the past or they are doing it somewhere else now, or we have the technology to do it.. It is an extrapolation from reality, if you like, it's a possibility for our society but also it's an 'allegory' of what is already happening. (A Movable Feast)

³ “a humanist logic, based on the discovery that the human being did not exist simply to accept his or her fate, but to use reason in order to build the future” (VIEIRA, 2010, p. 4).

o gênero responsável por apresentar uma viagem a um mundo ideal, uma sociedade alternativa.

A passagem do século XIX para o século XX foi determinante para a transformação da utopia. A distopia aparece com *A máquina do tempo* (1895) de H.G. Wells, mas é ao longo do século XX, após a Primeira Guerra Mundial que o gênero ganhou força. *Nós* (1920-1921), do escritor russo Ievguêni Zamiátin, é considerado um dos romances fundadores da distopia, influenciando os clássicos *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley; *A Revolução dos Bichos* (1945) e *1984* (1949), de George Orwell e *Fabrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, livros que influenciaram, por sua vez, na composição de *O Conto da Aia*. Foi durante o século XX que a literatura distópica ganhou representatividade, pois é o momento da história marcado por desemprego em massa, perseguições, ditaduras, guerras mundiais, enfim, todo um contexto que potencializa essas criações.

Cem anos de exploração, repressão, violência estatal, guerra, genocídio, doença, fome, ecocídio, depressão, dívida, e o sangramento constante da humanidade através da compra e venda da vida cotidiana proveu mais que bastante solo fértil para o lado negativo da imaginação utópica (MOYLAN, 2000, p. 21, nossa tradução).⁴

Entretanto, a utopia é embasada pelo sentimento de esperança, vislumbra um futuro belo e perfeito, em que as coisas boas são superiores e dominam todos os acontecimentos, já o fundamento da distopia é o pesadelo, as criações realizadas por meio das desgraças, da desumanização. Atwood, ao discordar de que sua obra era ficção científica, promove uma mistura dos dois gêneros, utopia e distopia, gerando o que seria denominado “ustopia”. Ela justifica tal derivação com a ideia de que em toda utopia há distopia e em toda distopia há utopia. Essa relação pode ser percebida na cena em que o Comandante explica a origem de Gilead para Offred:

Não dá para fazer omelete sem quebrar os ovos, é o que ele diz. Nós pensamos que nós poderíamos fazer melhor. Melhorar? Eu digo, em voz baixa. Como ele pode pensar que isso é melhor? Melhor nunca significa

⁴ “A hundred years of exploitation, repression, state violence, war; genocide, disease, famine, ecocide, depression, debt, and the steady depletion of humanity through the buying and selling of everyday life provided more than enough fertile ground for this fictive underside of the utopian imagination”. (MOYLAN, 2000, p. 21).

melhor para todos, diz ele. Sempre significa pior, para alguns. (Atwood, 1986, p. 274)⁵

Portanto, “distopias literárias seriam entendidas como representações de sociedades em que uma considerável maioria sofre escravidão ou opressão *como resultado da ação humana*” (CLAEYS, 2017, p. 290, grifo do autor); como ocorre na obra de Atwood: uma camada social, a elite de Gilead, domina a classe subjugada inferior, a das mulheres.

Apesar de Orwell ser uma inspiração, é nítido o rompimento de Atwood com as distopias tradicionais: o narrador protagonista é uma narradora! A mulher não é mais colocada como uma personagem “autômatos sem sexo’ ou como “rebeldes” que desafiavam as normas sexuais de seus respectivos regimes” (ATWOOD, 2009, p. 363). Uma preocupação típica da literatura contemporânea é dar voz aos oprimidos, às minorias. Dessa forma, há um rompimento com as distopias consideradas canônicas, escritas por homens, sobre homens. Assim, procura recuperar um espaço feminino de emoções pessoais e identidade individual, que é destacado por sua narrativa em primeira pessoa, colocando a experiência e subjetividade da mulher no centro, Atwood, portanto, “compensa convenções”. Embora as distopias sejam inerentemente políticas, ter uma mulher no centro de fato “infunde [nele] uma inclinação política” - ou uma inclinação política extra -, a de feminismo, embora Atwood afirme corretamente que simplesmente ter uma protagonista feminina não torna um romance feminista. (HOWELLS, 2006, p.57-58, nossa tradução)⁶

A ficção especulativa é um gênero amplo que combina diferentes naturezas de ficções, como histórias sobrenaturais, fantasiosas e futuristas. *O Conto da Aia* ultrapassa o gênero “distopia” para ser considerada uma ficção especulativa, pois além de apresentar as características da distopia, fomenta especulações acerca da realidade humana. Como afirma Aisha Matthews (2018), “Seja baseado em uma versão alternativa do passado ou uma projeção do possível futuro, a ficção especulativa oferece o cenário ideal para discussões sobre alteridade, opressão e hegemonia, especialmente nos eixos de gênero e raça”.⁷

⁵ You can’t make an omelette without breaking eggs, is what he says. We thought we could do better. Better? I say, in a small voice. How can he think this is better? Better never means better for everyone, he says. It always means worse, for some (Atwood,1986, p.274).

⁶ [...] placing the woman’s experience and subjectivity at the center, Atwood, thus, “offsets conventions”. While dystopias are inherently political, having a woman at the center does indeed “infuse [it] with a political slant”—or an extra political slant—, that of feminism: although Atwood correctly affirms that simply having a female protagonist does not make a feminist novel.

⁷ Whether based on an alternate version of the past or a projection of the possible future, speculative fiction provides the ideal landscape for discussions of alterity, oppression, and hegemony, especially along the axes of gender and race.

A ficção especulativa é fundamentada na especulação sobre os acontecimentos da realidade. Produz textos literários capazes de promover a educação da sociedade, alertando para possíveis desastres. Obras como *Admirável mundo novo* (1931) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell, *Fahrenheit 451* (1953) de Ray Bradbury e *Laranja Mecânica* (1952) de Anthony Burgess retratam, através da ficção, anseios e dúvidas, buscando a reflexão do leitor. Neste capítulo pretende-se abordar a distopia que é desencadeada na ficção especulativa e o cenário religioso, histórico e social que inspiram a obra.

De acordo com Candido (2011, p. 177), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. É através dela que podemos debater sobre as mais diversas realidades, podendo mostrar toda sua humanidade e caos, dar voz aos que não têm vez, olhar aqueles que se tornam fantasmas nesse mundo tão indiferente, egoísta e insensível. Atwood se vale da escrita para criticar governos desumanos, refletindo sobre como seria se o que era ficcional, inimaginável, se tornasse real. A isso se deu o nome “distopia”. E, neste caso, distopia feminista, pois, traz o apelo a mulher, tantas vezes marginalizada:

As distopias feministas desenham infernos patriarcais de opressão, discriminação e violência contra mulheres, mapeando assim a sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, e revelando sua natureza ambígua, essas ficções expressam de forma importante desejos e esperanças utópicos pertinentes às mulheres. Vistos sob um ângulo específico, esses textos oferecem um antídoto à banalização da misoginia, que ainda se constitui como um dos males da nossa sociedade (CAVALCANTI, 2002, p. 247).

Entretanto, Howells (2006, p. 162) afirma que Atwood ultrapassa o gênero fictício para escrever uma ficção especulativa, visto que os acontecimentos narrados têm cunho histórico. Segundo Howells (1996, p. 129, nossa tradução), “Quando ela começou a pensar no romance [...], ela manteve um arquivo de recortes (agora na Biblioteca da Universidade de Toronto, Atwood Papers) de itens de jornais e revistas que alimentaram diretamente sua escrita”.⁸

Desta forma, torna-se notável a preocupação da autora com a sociedade. A projeção desse futuro degradante nos incita o pensamento crítico em relação aos rumos políticos e sociais da humanidade. Afinal, como Atwood afirma em entrevista à *Reader's Companion*

⁸ When she began thinking about the novel in the early 1980s she kept a clippings file (now in the Atwood Papers, University of Toronto Library) of items from newspapers and magazines which fed directly into her writing. (Howells, 1996, p. 129)

(1998), “A História prova que aquilo que fomos no passado, poderíamos ser novamente”.

⁹Atwood não resistiu em unir arte e política. Através da literatura foi capaz de tornar os problemas sociais ainda mais visíveis.

O Conto da Aia pode ser considerada, primeiramente, uma ficção distópica, um gênero literário que apresenta uma conexão entre o futuro (real) e o universo fictício de maneira negativa, criando uma crítica social. A história trata de um futuro ditatorial, com graves problemas ambientais, comportamentos sexuais e alienação social, que se torna real. Offred narra os acontecimentos de sua vida atual, fazendo flashbacks de sua vida e da vida de sua mãe, criticando com certa pacificidade sua nova realidade.

Esse novo mundo propõe uma reflexão acerca do que já passou, do que passamos e do que, possivelmente, podemos passar. Silva (2007) diz que a distopia tem a função de evitar que a humanidade caminhe para o desastre por meio da constatação do autor da realidade de seu tempo, sob a forma de um aviso, pelo qual se compõe um romance. Neste sentido, Atwood afirma que a humanidade vive em decadência. Como sua obra,

as distopias importam, pois elas nos fazem pensar. Elas nos ajudam a imaginar e visualizar como o presente pode se tornar algo muito ruim. Elas nos dizem o que está errado com o presente e como as coisas podem se tornar facilmente muito pior. As distopias identificam os principais temas, tendências ou problemas no presente e extrapolam até o extremo antes de colocá-los em um contexto menos familiar para nossa verificação. Eles são as vezes temporariamente diferentes, as vezes espacialmente diferentes do presente do autor. Mas os temas, as tendências e os problemas se mantêm constantes. As distopias questionam o agora e oferecem avisos e as vezes profecias sobre o futuro; eles são constantemente o “jeremias” do utopianismo. Mas às vezes elas oferecem vislumbres de esperança. (SARGINSON, 2013, p. 40).

Assim, o gênero então caminharia para uma nova definição: a ficção especulativa, pois ela deixa de ser uma simples história de ficção para uma história com fundo verdadeiro, visto que os acontecimentos narrados têm cunho histórico. Desta forma, torna-se notável a preocupação da autora com a sociedade. A projeção desse futuro degradante nos incita o pensamento crítico em relação aos rumos políticos e sociais da humanidade. Para Sargent (apud Dyna, 2019, p. 18),

As distopias são como profecias bíblicas. Por exemplo, muitos profetas do Antigo Testamento da Bíblia mencionavam que Deus estava furioso

⁹ “History proves that what we have been in the past we could be again” (ATWOOD, 1998)

com os pecados dos homens e que Ele iria puni-los, pois não estavam agindo de acordo com o que Deus havia planejado. Porém, haveria salvação se as pessoas mudassem a maneira como viviam e passassem a viver os preceitos de Deus.

Neste sentido, a autora utiliza a mesma técnica para construir a narrativa. O fato de os indivíduos não estarem agindo de acordo com Deus, viverem em pecado, não havia mais a família perfeita de acordo com valores do Antigo Testamento, só havia relacionamentos homoafetivos, relacionamentos extraconjugais, “justificando” o castigo, a punição de Deus, que é a crise de fertilidade. “Houve uma época em que o ar ficou carregado de substâncias químicas, raios, radiação, a água enxameava com moléculas tóxicas” (ATWOOD, 2006, p. 139).

Entretanto, esses pecados poderiam ser redimidos caso passassem a viver de acordo com os preceitos bíblicos, de acordo com a vontade do “Senhor”. Essa é a grande justificativa para ser criado um estado totalitário e teocrático que pune aqueles que não cumprem as novas leis. Então, a distopia coloca a culpa do problema na “má” atitude dos indivíduos, o que pode ser revertido se a atitude dos homens se modificar.

A protagonista narra passivamente as mudanças que ocorreram até a transformação da sociedade. Há casos de esterilidade, de bebês nascidos com deficiência, doenças sexualmente transmissíveis, devastação ambiental e poluição, tudo que favorece a instauração de um governo totalitário, aliado a correntes religiosas, que arrastam fiéis fundamentalistas. Este contexto que não pertencia aos anos 80 fundamentou a obra, que pode ser hoje considerada uma profecia já que há lugares ao redor do mundo que vivem tudo isso. A ficção especulativa, então, é um sinal de alerta, um aviso ao leitor sobre o perigo que o cerca.

Talvez a principal função de uma distopia seja enviar sinais de perigo para os leitores: Muitas distopias são avisos autoconscientes. Um aviso implica em escolhas e, portanto, esperança, ainda é possível (HOWELLS, 2006, p.161, nossa tradução)¹⁰

Assim sendo, é notável a aflição e o engajamento sócio-político de Atwood. A partir da perspectiva do real, "A projeção de um futuro desastroso incita à reflexão crítica dos caminhos políticos e sociais que estão sendo seguidos pela humanidade, expondo, muitas

¹⁰ “Perhaps the primary function of a dystopia is to send out danger signals to the readers: Many dystopias are self-consciously warnings. A warning implies that choice, and therefore hope, are still possible.” (HOWELLS, 2006, p.161)

vezes, radicalismos e extremismos [...] (ABREU, 2012, p. 6). O cenário mundial assusta e clama a atenção. Atwood traz debates urgentes.

Atwood ao problematizar os limites entre ficção e realidade, descreve a obra como “um estudo do poder, uma ficção especulativa, uma extensão lógica de onde nós estamos agora”. (ATWOOD, 1998, nossa tradução)¹¹ Estudo do poder porque a sociedade é tomada pelo discurso dos “falsos crentes”, autoritários e incoerentes, homens que se dizem cristãos, mas que em nada se assemelham à imagem de Cristo. O poder advindo de cada classe, uma sob a outra, criando um Estado em que a sede de poder é o que os mantêm vivos. Extensão lógica de onde estamos agora, porque há fatos reais – mulheres são vitimadas em diferentes regiões pelo mundo –, modelados, adaptados para o romance. Segundo Loigu (2007) *apud* ABREU (2020, p. 7):

O artigo *Women forced to have babies*, publicado na Holanda, em 1985, impressiona o mundo ao postular legalmente que as mulheres trabalhadoras do país poderiam ser demitidas de seus empregos, ou até presas, como criminosas comuns, por não procriarem suficientemente. Não engravidar não seria considerado crime apenas se um médico constatasse motivos legais para que a mulher não cumprisse seu “dever patriótico”.

Como já relatado, na obra, são as não-mulheres, aquelas que por não efetuarem seu papel biológico ou apresentarem algum desvio, isto é, algum comportamento inadequado para os padrões de Gilead são chamadas assim. Afinal, para esse estado, o que faz uma mulher ser mulher é seu dever de gerar e criar um filho. O destino delas pode ser ilustrado pelas Colônias. Um lugar tenebroso, tóxico e sem condições de vida, para onde Aias vão trabalhar como escravas. Essas mulheres indesejadas são punidas dessa forma pois infringiram alguma regra: relacionamento homoafetivo, relacionamento com Comandantes ou outras castas, tentativa contra a vida, tentativa de fuga... As mulheres condenadas a esse trabalho desamuno não têm condições de sair dali vivas, é como uma pena de morte, mas uma morte lenta. Como fez Hitler na Alemanha na década de 1920, em seus campos de concentração, Gilead tortura e mata essas mulheres, denominadas Unwomen.

As distopias, como a abordada, mostram referências ao passado que buscam fazer no presente um projeto social de esperança. É olhar para trás, refazer o caminho da memória e projetar um presente de esperança, de muita luta, mas com a certeza de que o coletivo pode fazer a transformação almejada, o que é possível na vida real, mas bem improvável no fictício.

¹¹ —[...] a study of power and as a speculative fiction, a logical extension of who we are now. (ATWOOD, 1988)

Nisso, o livro se diferencia da denominada série de mesmo nome. Nela há chance de reação enquanto Offred está narrando sua história, o movimento feminista ganha força à medida que o enredo vai se desenrolando. Já no livro, só sabemos que ela conseguiu escapar após o desenrolar de toda história. Dessa forma, a utopia é mantida na distopia, tradicionalmente um gênero sombrio e deprimente, sem espaço para esperança na história, apenas fora da história, apenas considerando a distopia como um aviso, podemos, como leitores, esperar escapar de um futuro tão sombrio. (BACCOLINI, 2004, p. 520)

Através da leitura proposta por Atwood, com o final aberto da obra, pode-se buscar novos caminhos, novas trilhas, tendo em vista um horizonte de esperança. Cabe aos personagens, metáforas da sociedade, buscarem realizar o que pode ser considerado utópico. É isso que a distopia provoca, uma busca incessante por justiça, paz, equidade, valores que tornam o mundo mais próximo do ideal.

O passado em uma relação viva com o presente pode, assim, começar a lançar as bases para uma mudança utópica. É importante lidar com as distopias críticas das últimas décadas, pois elas são o produto de nossos tempos sombrios. Observando as características formais e políticas da ficção científica, podemos ver como essas obras nos apontam para a mudança. Precisamos passar pelas distopias críticas de hoje para avançar em direção a um horizonte de esperança. (BACCOLINI, 2004, p. 521)

Entretanto, apesar da distopia apresentar uma carga pessimista, ela não é uma previsão de um futuro necessariamente desastroso, mas uma possibilidade de evitar que a desgraça, a barbárie se torne real. De acordo com Sisk (1997, p. 11), “Não se trata, todavia, de simplesmente aterrorizar o leitor por meio de uma visão catastrófica do futuro, mas, sobretudo, de motivá-lo a lidar com problemas do presente a fim de revertê-los”. Até porque existe esperança na narrativa de Offred. Ela tem o Nick para sanar sua solidão, tem o grupo *Mayday* e tem a mensagem escrita no banheiro que a encoraja. De acordo com Atwood (1986, p. 11)

o meu livro não é totalmente sombrio e nem pessimista, por várias razões. O personagem central - a aia Offred – escapa. A possibilidade da fuga existe. A sociedade existente no futuro que não é a sociedade de Gilead e é capaz de refletir sobre a sociedade de Gilead da mesma forma que nós refletimos sobre o século XVII. Sua pequena mensagem na garrafa chegou a alguém - o que é tudo que podemos esperar, não é?

Segundo Vieira (2010, p. 17), uma distopia que não implica uma noção de esperança é uma distopia falha. Apesar da esperança sozinha não ser suficiente, é o primeiro sentimento, é o começo, sustenta, dá força e coragem. Se não há esperança, ficamos imóveis, presos. É como a fé: a "fé ou esperança no futuro cria esforço. O esforço tem mais probabilidade de produzir resultados positivos do que nenhum esforço. Apatia produz apenas mais apatia". (SARGENT, 1994, p. 27, nossa tradução)¹²

A distopia, sendo a exibição de um lugar imaginário muito ruim, possibilita a reflexão sobre o desenvolvimento do enredo e da História por detrás dele, construindo, juntamente com o leitor, a significação e o tom moralizante da obra. A tentativa de subversão presente em *O Conto da Aia* apresenta o discurso como mecanismo de contestação da ordem. A passividade de Offred é desarranjada pela sua forma alternativa de resistência: o seu narrar. Algum dia alguém receberá sua história e, talvez, fará algo para mudar o sistema. É a tentativa de Offred de apoderar-se da língua, para torná-la sua, que oferece a seu enredo seu apelo como a história de resistência de uma mulher contra a tirania patriarcal. "Por ironia da história, é Offred, a silenciada aia que se torna a principal historiadora de Gilead quando aquela "história" oral é publicada duzentos anos depois"¹³. (HOWELLS, 2006, p. 165, nossa tradução).

O romance distópico é semelhante a um grito: Incêndio! Assim como uma pessoa que vê algo pegando fogo se desespera e clama por socorro, a literatura de Atwood procura chamar a atenção de maneira alarmante para o imaginário que pode se tornar real. O livro problematiza questões sensíveis à contemporaneidade. É potencializando a desgraça que se busca evitar que a barbárie vença. Segundo Hilário (2013, p. 206), "A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica", ou seja, ela é o movimento a favor da democracia e dos direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, pode-se afirmar que *O Conto da Aia* ultrapassa o gênero distopia para ser considerada uma ficção especulativa, tendo em vista que o cenário apresentado por

¹² "faith in or hope for the future breeds effort. Effort is more likely to produce positive results than no effort. Apathy produces only more apathy" (SARGENT, 1994, p. 27).

¹³ By an irony of history, it is Offred the silenced Handmaid who becomes Gilead's principal historian when that oral "herstory" is published two hundred years later

Atwood tem como plano de fundo não só a realidade do século XX, contexto no qual escreveu, mas XXI também.

As distopias carregam a missão de provocar, chocar, mexer com o leitor, de modo que o mesmo busque mudanças positivas para o cenário negativo em que se encontra. O século XX foi marcado por guerras e regimes totalitários, o que propiciou a criação de muitas distopias, que ainda hoje fazem sentido e apresentam relevância, afinal, o discurso ditatorial e o nível de poder, que uma camada privilegiada da sociedade possui, ainda é latente. Precisamos das distopias para vislumbrar, a partir de hipérboles, onde podemos chegar caso nos comportemos como os personagens. O aviso foi dado, o sinal de alerta já está vermelho, cabe a cada um assumir seu papel. Que, através da literatura, consigamos engajar pessoas em um projeto de um mundo melhor.

As distopias apresentam a hipérbole dos problemas atuais para nos mostrar como o futuro pode ser terrível se os indivíduos se mantiverem inertes. Os séculos XX e XXI apresentam poucas utopias, parece não haver espaço para o ideal. A caixa de Pandora foi aberta, gerando inúmeras distopias que chocam por tamanha verossimilhança. Ao nos ambientar em um governo teocrático, *O Conto da Aia* pode resgatar a memória coletiva e impulsionar o leitor/telespectador a buscar mudanças.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: Crest, 1986.
- CIXOUS, Hélène, et al. **The Laugh of the Medusa**. *Signs*, vol. 1, no. 4, University of Chicago Press, 1976, pp. 875–93, <http://www.jstor.org/stable/3173239>.
- CLAEYS, G. **Dystopia: A natural history**. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.
- DYNA, Jessica Pierre. **Uma perspectiva sobre poder e gênero**. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica. Campinas, 2019.
- GULICK, Angela Michelle. **The Handmaid's Tale by Margaret Atwood: examining its utopian, dystopian, feminist and postmodernist traditions**. (1991). *Retrospective Theses and Dissertations*. 57.
- HILÁRIO, L. C. **Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>.

Acesso em: 24 jun. 2021.

HOWELLS, C. (2006). **Margaret Atwood's dystopian visions: The Handmaid's Tale and Oryx and Crake**. In C. Howells (Ed.), *The Cambridge Companion to Margaret Atwood* (Cambridge Companions to Literature, pp. 161-175). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CCOL0521839661.012.

SARGINSON, Lucy. **Dystopias do metter?**. In: *Dystopia(n) matters: On the Page, On Screen, On Stage*, New Castle, UK, v.1, n.1, p. 40-41, jul. 2013.

SARGENT, Lyman Tower. **The Three Faces of Utopianism Revisited**. *Utopian Studies*, v. 5, n. 1, p. 1-37, 1994.

VIEIRA, Fátima. The Concept of Utopia. In: CLAEYS, Gregory (Ed.). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 3-27.